

que as figuras fazem da linguagem revela-se um elemento caracterizador determinante, não só para a construção da intriga, mas também para a sua recepção por parte do espectador.

Em *Édipo em Colono*, a última peça de Sófocles, a análise centra-se no “obstinável e inflexível silêncio” (p. 116) do protagonista que ocorre no início do Episódio IV. Contribuindo, eficazmente, para o desenho cénico da cena, trata-se de uma pausa invulgar, apesar de eloquente, que prolonga e intensifica o clima de tensão decorrente do confronto entre pai e filho, provocando no espectador grande empatia e expectativa com a situação vivida em cena.

Nas “Conclusões” que se seguem, a A. fornece-se-nos uma interpretação global do valor dramático do silêncio nas peças de Sófocles que, na utilização deste expediente formal herdado de Ésquilo, “evidencia, sem sombra de dúvida, a sua mestria como dramaturgo, o seu sentido apurado de teatro, a sua sensibilidade artística” (p. 127).

A completar o volume, surge a Bibliografia especializada, dividida em duas secções, e os “Abstracts” de cada um dos capítulos, que facilitarão a divulgação deste excelente estudo a todos os leitores de língua inglesa.

Saudamos a publicação deste trabalho por nos oferecer uma análise meticulosa e bem fundamentada de um tema pouco estudado, que captará, certamente, a atenção dos especialistas do drama sofocliano, além do interesse do público mais esclarecido de hoje.

MARIA FERNANDA BRASETE

Eurípides, *Electra* (introdução e versão do grego de Fernanda Brasete), Coleção “Encontros de Teatro de Tema Clássico”, Madrid, Ediciones Clásicas, 2002, 79 pp. [ISBN: 972-8659-28-8].

Na linha do que se havia verificado nos dois certames anteriores, o Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra e a Liga de Amigos de Conímbriga promoveram a publicação, em livros de bolso, das traduções de alguns dos textos encenados no “III Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico”, que decorreu na Primavera de 2002, em diferentes localidades do país. Estes livrinhos, ao substituírem o tradicional bilhete de teatro, tinham como objectivo possibilitar aos espectadores, sobretudo aos menos familiarizados com estas temáticas, uma leitura prévia dos textos, para que melhor pudessem compreender as representações.

Fruto desta iniciativa editorial, merecedora do nosso aplauso, veio a lume a versão portuguesa da *Electra* de Eurípides, da responsabilidade de Fernanda Brasete. Infelizmente para os estudiosos da matéria, da primitiva edição de autor, que, com o mesmo título, foi apresentada como dissertação de mestrado à Universidade de Coimbra, em Janeiro de 1991, apenas se deu à estampa a tradução, precedida de um breve, mas esclarecedor, estudo introdutório. Porque teve de sujeitar-se a restritivos critérios editoriais — compreensíveis, a nosso ver, atendendo às características particulares da colecção “Encontros de Teatro de Tema Clássico”, onde se insere este epítome —, a autora não incluiu nem as

profusas notas explicativas da sua dissertação, que seriam de grande utilidade para o esclarecimento de aspectos linguísticos, literários, culturais ou mitológicos, nem a bibliografia consultada.

A introdução (pp. 9-20), apesar de sintética, é indiscutivelmente funcional. Após uma breve referência à dificuldade de se estabelecer uma data exacta para a produção da peça, Fernanda Brasete, evitando pormenores desnecessários, começa por destacar a maior originalidade de Eurípides, face aos outros dois tragediógrafos, no tratamento das variantes do tema mítico-lendário da vingança dos filhos de Agamémnon. De seguida, introduz o leitor na problemática da peça, facultando-lhe o essencial sobre a estrutura e o enredo de uma tragédia “onde se entrecrocavam a validade dos velhos princípios, capazes de justificar o assassinio de uma mãe, e uma sensibilidade ético-moral mais “moderna”, que impele o homem a condenar um acto tão horrendo e desprezível, como o matricídio, em ocasião alguma justificável” (p. 20). Desde o prólogo de características inovadoras ao êxodo proléptico e etiológico, passando pela paradigmática e central cena de reconhecimento, a A. não descursa uma análise sucinta das diferentes intervenções corais, que possibilitam um fácil entendimento do papel desempenhado por esta personagem colectiva na economia dramática, nem deixa de oferecer apontamentos, ainda que dispersos, sobre as personagens, considerados fundamentais para a sua caracterização.

A tradução, perfeitamente adaptada aos diferentes matizes do texto euripidiano, pauta-se pela clareza e elegância. Com mestria, a A. consegue aliar, na exacta medida, o rigor com que segue a letra do texto grego à liberdade com que, pontualmente, dele se afasta, sempre na tentativa de transmitir vivacidade e tensão aos diálogos em esticomitia (e.g. pp. 30-35 e 47-52), de imprimir fluência discursiva às longas *rheseis* (e.g. pp. 35-37 e 66-68) e às extensas narrativas (e.g. pp. 56-59) ou de conferir beleza lírica aos cantos corais (e.g. pp. 40-41).

Para melhor elucidar o sentido dramático de algumas destas passagens ou demarcar as diferentes movimentações em palco, a A. salpica o texto com numerosas e sempre úteis didascálias. Neste particular, contudo, pensamos que algumas correcções devem ser feitas e que talvez se deva ponderar o acrescento pontual de outras indicações cénicas. Começando pelas propostas de correcção, centraremos os nossos comentários críticos em dois aspectos que se prendem com questões de ritmo e de elocução dos trechos líricos. Assim, na p. 26, entendemos que se deve considerar que a monódia de Electra é entoada em “ritmo lamentoso” e não em “ritmo de marcha”. Muito provavelmente, esta afirmação da A. terá sido sugerida pelo facto de os dímetros anapésticos, que são aqui cantados em refrão pela protagonista no início da estrofe e da antístrofe primeiras (pp. 26-27, vv. 112-113, 125-126), aparecerem a maior parte das vezes associados ao movimento compassado da marcha (*Marschanapäste*). Acontece, porém, que estes anapestos, em nossa opinião, apresentam características de “anapestos de lamento” (*Klageanapäste*), particularidade que lhes permite um mais adequado enquadramento na toada plangente da monódia. Um pouco mais à frente, na antístrofe do párodo (p. 29), a A., certamente por lapso, considera que a resposta

que Electra dirige ao Coro é falada (vv. 198-212). No entanto, tal como se verifica na estrofe deste amebau lírico (p. 28, vv. 175-189), também na antístrofe a intervenção da heroína tem de ser, obviamente, cantada. Passando à sugestão de didascálias que podem contribuir para um melhor entendimento do texto, pensamos que intervenções corais como a que serve de transição entre o reconhecimento e o plano de acção (p. 46, vv. 585-595) e a que segue o anúncio, pelo Mensageiro, da morte de Egisto (p. 59-60, vv. 860-865 e 874-879) ganhariam relevo dramático se a A. sublinhasse o seu carácter vivo, alegre e triunfal, até mesmo hiporquémático. Também se nos afigura importante que, na p. 72 (vv. 1172-1176) se assinala a entrada do *ekkyklema* para trazer à vista dos espectadores os cadáveres de Egisto e de Clitmnestra, enquanto o Coro pronuncia, em recitativo, alguns trímetros.

Ainda que, pelos já referidos critérios editoriais, não tenha incluído a bibliografia consultada, deveria a A. ter mencionado, pelo menos, o texto em que se baseou para fazer a sua tradução. Um leitor mais atento acaba por descobrir que a edição seguida foi a oxoniense de Diggle. Já não consegue divisar, porque não há notas que o expliquem, a razão pela qual, nos vv. 1294-1307 (p. 77), decidiu seguir a tradicional sequência de versos e não a proposta pelo crítico inglês (vv. 1294, 1298-1302, 1295-1297, 1303-1307) que atribui o v. 1295 a Electra e não a Orestes.

Estas sugestões e correcções — algumas, porventura, discutíveis — não desmerecem, de forma alguma, este trabalho de grande qualidade. Provam, isso sim, a necessidade de uma edição da versão mais ampla, concluída pela A. há alguns anos, que inclui, para além das necessárias notas e bibliografia, um estudo mais aprofundado desta tragédia de reconhecimento, vingança e expiação.

CARLOS MORAIS

Congresso Internacional do Humanismo Português “Cataldo & André de Resende” (Coimbra – Lisboa – Évora, 25 a 29 de Outubro de 2000). Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2002, 346 pp. [ISBN 972.9376-07-7].

Este volume reúne as comunicações apresentadas ao Congresso, subordinado ao tema em epígrafe, que se realizou entre 25 e 28 de Outubro de 2000, ainda que haja indicação na capa do livro, certamente por lapso, do dia 29. Decorreram em três cidades (Coimbra, Lisboa e Évora) as actividades desta reunião científica, cuja organização se deve a uma iniciativa conjunta da Universidade de Coimbra (Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos), da Universidade de Lisboa (Centro de Estudos Clássicos e Instituto de Estudos Clássicos André de Resende) e da Universidade de Évora (Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Humanas e Sociais).

Pretendeu-se, com a realização deste evento, cujas actas vieram há pouco a lume, prestar homenagem a dois dos nomes mais representativos no panorama do Humanismo Renascentista português: Cataldo Parísio Sículo e André de Resende. De facto, procurou-se com esta iniciativa comemorar os quinhentos anos do